

EDITORIAL

O TEMPO COMO DURAÇÃO NOS 10 ANOS DA AYVU: REVISTA DE PSICOLOGIA

Camilo Venturi
Beatriz Sancovski
Everson Rach Vargas
Maria Clara de Almeida Carijó
Rafael Mendonça Dias

O conceito mais conhecido cunhado pelo filósofo francês Henri Bergson é, sem dúvida, o conceito de duração. Mesmo que o seu sentido tenha se transformado e se tornado mais complexo desde a primeira vez em que Bergson o menciona, no seu *Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência* (2011), o conceito de duração permaneceu como uma chave de leitura fundamental para praticamente todos os seus escritos. Na base deste conceito está uma distinção fundamental entre o tempo contaminado por imagens e categorias espaciais (o tempo espacializado) e o tempo “puro”, que Bergson chamaria de duração. O tempo espacializado seria aquele incorporado em nossos dispositivos de contagem e orientação temporal, como relógios, cronômetros, calendários, mas também seria aquele adotado pela ciência moderna e pelo senso comum. Essa impregnação do tempo por coordenadas espaciais adviria da associação do tempo ao movimento dos corpos no espaço. Como o percurso de um corpo no espaço pode ser dividido e subdividido em partes exatamente iguais, homogêneas, na imagem espacializada do tempo, cada instante é concebido como unidade quantitativa de medida, que pode ser tanto dividida em partes menores quanto acrescida de outras unidades. A imagem do tempo decorrente desta contaminação com propriedades espaciais é a de um conjunto de instantes discretos, que se somam uns aos outros, enfileirando-se uns atrás dos outros, justapondo-se sem jamais se confundirem, feito um colar de contas infinitamente grande que vai se expandindo progressivamente à medida que o tempo progride em direção ao futuro. Tal imagem temporal espacializada, tão velha quanto a própria filosofia, foi expressa de forma lapidar na *Física* de Aristóteles, quando este definiu o tempo como “a medida do movimento segundo o antes e o depois” (Reale, 2012). No cerne da filosofia bergsoniana está justamente a crítica a essa imagem espacializada do tempo, que faz parte

do nosso senso comum e da qual nos servimos para organizar a nossa vida prática, sincronizar nossas ações, marcar compromissos, datar fatos históricos etc. Embora útil, tal imagem corresponderia, na crítica de Bergson, a um “misto mal-elaborado” do qual a filosofia deveria se livrar se quisesse pensar o tempo em estado puro puro, livre de qualquer dimensão espacial, que ele definiu justamente com o conceito de duração.

Uma das propriedades centrais da duração é o seu caráter qualitativo. Diferente do tempo espacializado, que segue o modelo matemático do número, e em que cada instante é equiparado a uma unidade entre outras, o tempo como duração envolve uma *multiplicidade qualitativa* singular de instantes: sabemos que o tempo como duração está passando, que os instantes são múltiplos e variados, mas não sabemos precisar exatamente quantos instantes passaram. Para explicitar essa dinâmica qualitativa da duração, Bergson apela no *Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência* (2011) para o tempo tal como é experimentado pela consciência: na vida consciente, há uma multiplicidade qualitativa de eventos ocorrendo simultaneamente e sucessivamente, uns dando origem a outros, em uma ordem metaestável permanente. Esses eventos são experimentados ora como mais intensos ora menos intensos, ora mais rápidos ora menos rápidos, ora em aceleração ora desacelerando. É um fato trivial que, na vida cotidiana, possam haver tardes velozes e madrugadas lentas. Assim, concebido como duração, o tempo deixaria de ser um mero continente neutro, homogêneo, exterior, que apenas mede a passagem dos instantes, o movimento dos corpos no espaço, para se tornar um produto dos próprios eventos e corpos em movimento, que fundariam temporalidades singulares, dotadas de qualidades próprias, heterogêneas. Como formulado em um célebre exemplo, repetido em mais de uma vez nos seus escritos, a realidade da duração e sua qualidade singular é evidente para quem aguarda que um torrão de açúcar se dissolva antes de beber o seu café¹ (Bergson, 2005).

Outra propriedade fundamental da duração é a interpenetração dos instantes: é impossível saber quando um instante acaba de começar e quando um outro imediatamente anterior cessou por inteiro. Em outras palavras, o tempo como duração é aquele que

¹ Como formulado em *A evolução criadora*:

Caso queira preparar-me um copo de água com açúcar, por mais que faça, preciso esperar que o açúcar derreta. Esse pequeno fato está repleto de lições. Pois o tempo que preciso esperar já não é mais esse tempo matemático que ainda se aplicaria com a mesma propriedade ao longo da história inteira do mundo material ainda que esta se esparramasse de um só golpe no espaço. Ele coincide com minha impaciência, isto é, com uma certa porção de minha própria duração, que não pode ser prolongada ou encurtada à vontade. (Bergson, 2005, p. 10).

carrega em si tanto o passado quanto o futuro iminente. Se assim não fosse, o instante presente não existiria, posto que consistiria apenas em um ponto efêmero que dá lugar ao ponto seguinte, sem qualquer espessura. Essa última propriedade se relaciona diretamente com a seguinte, que só será desenvolvida por Bergson a partir da publicação do seu livro mais conhecido, *Matéria e Memória* (1999): não é possível pensar a duração sem considerar a memória. Mesmo que, *de direito*, seja possível pensarmos em uma “percepção pura” voltada exclusivamente para a seleção de imagens que servem à nossa ação presente, desconectada de todo o passado que passou e, por isso mesmo, se tornou inútil, *de fato*, esse tipo de percepção não existe. Para Bergson, cada novo instante que experimentamos carrega na ponta de si, de uma forma contraída, tudo aquilo que passou e que constitui a nossa história. Assim, todo o passado atravessa cada experiência que temos no presente. Diferente da imagem espacializada de tempo, que concebe cada instante como deixando de existir na medida em que passa, para Bergson o passado é aquilo que, ao passar, se conserva integralmente; aquilo que nunca deixa de existir, mas que permanece vivo como uma nuvem de virtualidade que cerca a experiência do nosso presente e do nosso futuro iminente. Essa nuvem de virtualidade, segundo Bergson, é o que faz do futuro mais do que uma mera realização do possível, como se o futuro já estivesse integralmente determinado pelo passado; o virtual, esse passado real que nunca deixa de existir, é o que faz com que o futuro tenha uma abertura radical à indeterminação, à atualização do imprevisível, como o filósofo desenvolve no seu artigo “O possível e o real” (Bergson, 2006). Como interpreta Deleuze, o virtual é o que proporciona, ao se atualizar, o ato de criação (Deleuze, 1998).

Nesse ano de 2024, a *Ayvu: Revista de Psicologia* completa 10 anos. Essa marca, que é uma expressão do tempo espacializado, tal como Bergson o define, nos situa no coração da contagem prática do tempo na vida social. Podemos adotar essa passagem convencional do tempo para fazer um balanço objetivo daquilo que fizemos desde o primeiríssimo número de lançamento da revista em 2014: publicamos 15 números, repletos de artigos inéditos, traduções, relatos de experiência, distribuídos entre dossiês temáticos e em números regulares. Além disso, desde a sua fundação, a revista promoveu uma série de eventos de extensão, chamando professores, autores, artistas e indivíduos da sociedade civil para debater publicamente os mais variados temas. Cada evento destes pode ser atribuído a uma data do calendário ao longo desta última década. Tudo isto pode ser inclusive quantificado, medido e submetido aos critérios de avaliação das agências de fomento, aos indexadores de periódicos acadêmicos e às normas dos programas de pós-

graduação. No entanto, ao invés de celebrar esse cálculo, gostaríamos muito mais de comemorar esse marco do ponto de vista da sua duração, da experiência profunda de viver a passagem do tempo fazendo parte desse projeto coletivo. Se há algo que a filosofia de Bergson nos faz constatar é o caráter radicalmente qualitativo da passagem do tempo. Essa ideia é muito sugestiva quando pensamos no que tem sido a Ayvu, desde a sua invenção, na cidade de Volta Redonda (RJ), em um dos vários departamentos de psicologia da Universidade Federal Fluminense.

Desde o número de abertura, a revista se comportou como um verdadeiro organismo vivo que, como sugere a teoria da auto-poiese, inventa a si mesmo e o mundo (Maturana e Varela, 1995), com um ritmo que lhe é próprio, criando uma temporalidade singular a partir da rede de relações que teceu na medida em que sua existência foi se desdobrando. Por mais que exista uma condução ativa por parte dos editores para organizá-la e dar uma direção, editar uma revista sempre envolve uma boa dose de acaso e de abertura para a alteridade. Isso não foi diferente com a Ayvu. Nunca controlamos a intensidade do fluxo dos artigos que nos foram enviados, as propostas para dossiês temáticos sugeridas por colaboradores externos, a resposta dos avaliadores aos nossos convites para realizar pareceres, a recepção dos leitores e, até mesmo, a nossa capacidade para dar conta da massa de trabalho que a edição de um periódico acadêmico exige. Todos os processos aconteceram segundo uma temporalidade própria, necessária: houve momentos de desaceleração dos processos de trabalho, de diminuição dos ritmos, seguidos de momentos intensos de aceleração e de finalização de projetos; houve momentos de consolidação de hábitos e outros de reinvenção das próprias práticas; houve momentos de continuidade com práticas estabelecidas e outros de ruptura. Em outras palavras, a temporalidade imanente a essa revista sempre foi viva, heterogênea. Todavia, o mais importante de tudo é que, desde a inauguração desse projeto, nunca houve uma interrupção do processo, parada, estancamento. A Ayvu sempre esteve em movimento, como qualquer ser individuado que vive.

Essa passagem do tempo também nos lembra que, da sua fundação até o presente, a Ayvu passou por diversas transformações imprevisíveis e precisou ser reinventada algumas vezes, em um movimento de constante vir a ser. Passaram pela revista uma série de editores colaboradores, editores convidados, alunos de graduação, autores e pareceristas. Desde o primeiro número, a revista passou por múltiplas composições, com entradas e saídas de novos membros. Cada um destes corpos tão diferentes entre si que compuseram em um dado momento esse corpo maior, que é a revista, imprimiu a sua

marca, o seu rosto, e o resultado final tem sido desde então um produto desses encontros. Um exemplo dessa mutação foi a passagem do sistema de publicação semestral para a publicação em fluxo contínuo, adotada no ano de 2019, a partir da entrada no projeto de novos editores. Outro exemplo foi a incorporação do Instituto de Psicologia da UFRJ, em 2018, como instituição parceira no projeto, com a inclusão posterior de professores e alunos desse instituto no corpo de editores da revista. Contudo, mais do que essas mudanças macroscópicas, ruidosas, as principais mudanças pelas quais a Ayvu passou nesses dez anos se fizeram sentir no dia a dia da revista, através daquilo que Leibniz chamava de “pequenas percepções”(Gil, 2005): nos gestos cotidianos os mais sutis, nas relações que se estabeleciam em cada nova configuração, no modo de fazer as reuniões e, sobretudo, na circulação de afetos que a revista proporcionou em cada trabalho coletivo, envolvendo editores, alunos, convidados, pareceristas, autores e leitores. Os textos publicados pouco a pouco foram a condensação dessa teia de relações.

Na medida em que a “história natural” da revista foi se criando, o seu passado, repleto de personagens, ideias, projetos, sonhos, conceitos, veio servindo de nuvem virtual para cada nova ação que desempenhamos no presente. Mesmo em momentos de crise, quando as condições para tocar o projeto estavam longe do ideal, essa revista sempre foi movida por um desejo coletivo que a tem feito perdurar no tempo, durar como ente individuado que persevera no seu ser. Se pudéssemos destacar um único elemento para caracterizar esse desejo desde o início, atravessando toda a história da Ayvu até o presente, elegeríamos a afirmação de uma liberdade radical. Esse desejo de liberdade implica uma recusa igualmente radical de fazer qualquer aliança com estruturas de poder, custe o que custar. Esse tem sido o nosso maior trunfo: publicar única e exclusivamente aquilo que faz sentido para nós, sem colocar em primeiro plano qualquer adequação àquilo que é valorizado pelo “capitalismo universitário”, que estrutura o ecossistema de qualquer periódico científico no mundo atual. Sem concepções, seguimos, em companhia daqueles que nos dão sustentação, ao enviarem seus textos, colaborarem com pareceres e, sobretudo, lerem o material publicado. O acúmulo dessas experiências é que foi caracterizando o cerne da memória da *Ayvu: Revista de Psicologia* e que constitui a nuvem de virtualidade, que orienta cada uma das nossas ações como editores no plano teórico, estético, ético e político.

Como organismo vivo que é, não sabemos exatamente até quando a *Ayvu: Revista de Psicologia* se manterá viva. Porém, enquanto houver na multiplicidade heterogênea de corpos que compõem essa revista o desejo coletivo de construir uma Psicologia

concernida com a sua diversidade interna e com suas múltiplas interfaces, capaz de fazer um exame crítico do seu tempo e sempre atenta às implicações teóricas, éticas e políticas daquilo que publica, essa revista insistirá em produzir novos números; sem concessões, acordos ou favores! A todos os que fizeram parte desse projeto até aqui, o nosso muito obrigado.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, H. *Matéria e memória*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.
- BERGSON, H. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.
- BERGSON, H. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.
- BERGSON, H. *A evolução criadora*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.
- DELEUZE, G. “O atual e o virtual”. In DELEUZE, G. & PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998, p. 171-179.
- GIL, José. “As pequenas percepções”. IN FEITOSA, C. *et al. Razão nômade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 19-32.
- MATURANA, Humberto & VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: Psy II, 1995.
- REALE, Giovanni. *Introdução a Aristóteles*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.